



A*
noite
dos
príncipes
encantados



MICHEL TREMBLAY

A *
noite
dos
príncipes
encantados

ROMANCE

Tradução
Luciene Guimarães de Oliveira

Prefácio e revisão de notas
Sylvain Gagné

1ª EDIÇÃO
UBERLÂNDIA - MG
2023
o sexo da
PALAVRA

Editor-chefe: Antonio K.valo
Curador: Fábio Figueiredo Camargo
Assistente: Barbara Caetano
Projeto gráfico: Antonio K.valo
Tradução: Luciene Guimarães de Oliveira
Prefácio e revisão de notas: Sylvain Gagné

La nuit des princes charmants © 1995 - Leméac Éditeur

Actes Sud pour la France, la Suisse, la Belgique, le Luxembourg et les DOM-TOM

Toute adaptation ou utilisation de cette œuvre, en tout ou en partie, par quelque moyen que ce soit, par toute personne ou tout groupe, amateur ou professionnel, est formellement interdite sans l'autorisation écrite de l'auteur, de son agent autorisé ou de l'éditeur. Pour toute autorisation, veuillez communiquer avec l'agent autorisé de l'auteur: <https://www.agencegoodwin.com/>

Catálogo na Publicação - CIP

T789n	Tremblay, Michel. A noite dos príncipes encantados: romance / Michel Tremblay, tradução Luciene Guimarães de Oliveira, prefácio e revisão de notas Sylvain Gagné. – 1. ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2023. 201 p. ISBN: 978-65-88010-45-7 Título original: La nuit des princes charmants. I. Ficção francesa. I. Luciene Guimarães de Oliveira, trad. II. Gagné, Sylvain., pref. e rev. III. Título. CDD: 843 CDU: 840-31
-------	--

Elaborada por Gizele Cristine Nunes do Couto – CRB6-2091

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luis Mitidieri
Andréa Sirihal Werkema
Antonio Fernandes Jr.
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert Moraes
Eneida Maria de Souza
Emerson Inácio
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Larissa Pelúcio
Leandro Colling
Leonardo Mendes

Luciana Borges
Luiz Morando
Maria Elisa Moreira
Mário César Lugarinho
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Ricardo Alves dos Santos
Telma Borges
Vinícius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.







SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

PREÂMBULO 19

O PRÍNCIPE ENCANTADO
EXISTE? 27

ELE EXISTE;
MAS É ACESSÍVEL? 75

ELE É ACESSÍVEL, MAS ME
INTERESSA REALMENTE? 114

O PRÍNCIPE ENCANTADO NEM
SEMPRE É O QUE PENSAMOS:
FELIZMENTE! 159

EPÍLOGO:
A ARTE DA FUGA 194



PREFÁCIO

Quando se trata de apresentar **Michel Tremblay** ao público leitor do português brasileiro, a empreitada resta fascinante e apresenta diversos desafios. Em primeiro lugar, **Tremblay** é um autor protagonista da cultura de Quebec desde a década de 1960 até agora. Este autor entrou no imaginário dos franco-canadenses pela porta da frente. Seu trabalho teatral despertou tantas reações positivas e negativas a partir da peça de sucesso *Les Belles-Sœurs* (escrita em 1965, mas encenada no palco do *Théâtre du Rideau Vert* em Montreal em 1968), especialmente ao fazer os personagens falarem com uma linguagem próxima de suas vidas cotidianas, o dialeto de Quebec, tal como era então falado no Plateau Mont-Royal — um bairro operário formado exclusivamente pela classe trabalhadora de Montreal — o lugar de onde vem o próprio **Tremblay**. Esta linguagem, *joual* (*Звал*), foi destacada por intelectuais, artistas, escritores e dramaturgos durante os anos sessenta, ao mesmo tempo que provocou fortes reações, pelo contrário, por parte dos linguistas puristas. Sua tradução exata torna-se difícil ou mesmo impossível e é preciso escolher entre a equivalência semântica ou a fidelidade lexicográfica ao introduzir os quebequismos no português.

Tremblay é um autor prolífico que toca os gêneros literários romance, conto e teatro onde escreve obras originais, faz adaptações e traduções, também escreveu roteiros para cinema e televisão. Seu trabalho está incluído em programas de ensino médio e universitário no Canadá e no exterior. É publicado e apresentado em todo o mundo. Inúmeros prêmios foram concedidos a ele por parte ou por todo o seu trabalho.

Os temas abordados são cultura (local), família, (muito inspirado na própria família), social, nacional e identidade [queer]. A narrativa autoficcional continua presente em suas obras como no romance *La nuit de princes charmants* (1995) pela primeira vez publicado em português brasileiro. Sem se autodenominar autobiográfico no sentido puro do termo, o romance apresenta personagens tanto ficcionais quanto autobiográficos, o que o leva aos limites da autoficção. Os personagens alter ego de pessoas que vivem no universo de **Tremblay** estão presentes na obra e são múltiplos, notadamente a personagem Nana tomada como mãe de **Tremblay**, ou seja, “*La grosse femme*” de *La grosse femme d’à côté est enceinte* (1978). Em *A noite dos príncipes encantados*, o narrador não tem nome próprio; apenas o pronome pessoal na primeira pessoa do singular “eu” nos permite reconhecer um Jean-Marc, personagem recorrente na obra de **Tremblay**, como sendo o alter ego de **Tremblay** ele mesmo.

Tremblay escreveu romances e peças de teatro nas quais apresenta personagens homossexuais. No entanto, **Tremblay** recusa o rótulo de escritor homossexual, porque diz que “escritores homossexuais ‘só falam sobre isso’”. No entanto, a sua literatura e o seu teatro ultrapassam o simples âmbito da literatura gay, *queer* ou outros nomes do gênero, especialmente centrados na questão do assumir-se e da AIDS. Para ele, a sua literatura não se limita a este único tema, mas abrange todos os tipos de temas, como questões femininas, relações familiares e dificuldades de comunicação, condições de trabalho em Montreal, a Igreja Católica e a homossexualidade masculina, língua etc. Para reunir romances com sabor mais homossexual, as edições Actes-Sud republicaram em 2005 sob o título *Le Gay Savoir*, os cinco romances: *A noite dos príncipes encantados* (*La Nuit des princes charmants*), *Quarante-quatre minutes, quarante-quatre secondes*, *Le Cœur découvert*, *Le Cœur éclaté* e *Hôtel Bristol, New York, N.Y.* (todos inéditos no Brasil).

A Noite dos príncipes encantados é um romance introdutório. O narrador e personagem “Eu” tem dezoito anos, mora com os

país, ainda é virgem e, esta noite, irá pela primeira vez à ópera para assistir ao espetáculo *Romeu e Julieta*, de Gounod, no famoso teatro *Her Majesty's*. Por vários motivos o espetáculo se revelará angustiante para o protagonista, mas, felizmente para ele, depara-se com vários espectadores e um figurante homossexual. Este último, François, irá prender particularmente sua atenção e trazê-lo para o coração da cena gay de Montreal da época. O protagonista está decidido a pôr fim à sua condição de virgem e a conhecer, ainda esta noite, o príncipe encantado com quem sonha para abrir o caminho para esta vida homossexual ativa que tanto deseja. Ele percorrerá o centro de Montreal em vários bares e lugares míticos do gueto homossexual da época: *Les Quatre coins du monde*, *Le Tropical*, *El Cortijo*. Ele testemunhará a missa cruel do *Last call* onde os últimos casais se formam em quinze minutos e aqueles que não conseguiram acasalar na noite que está por vir serão deixados de lado. Também será a noite em que o protagonista terá contato com as suas primeiras travestis, contato que, como ele próprio admite, “estava longe de ser um triunfo”. No entanto, a dança que fará com Alan, que fala inglês, permitirá que ele entre em contato com o outro enquanto ele diz, “duas ereções magníficas se encontraram através de nossas calças”. Será mesmo ele, o menino, com quem iria perder a virgindade? O cheiro do corpo de Alan que ele inalou na pista de dança do *Le Tropical* foi de fato uma antecipação dessa tão desejada perda da virgindade, objetivo final da noite. Uma vez concluída a missão, ele terá afastado o medo que o atormenta, será capaz de exorcizar o relacionamento com sua mãe?

Sylvain Gagné
Riviere-du-Loup, 2023





No decorrer dessa narrativa, mergulhei algumas personalidades conhecidas nas aventuras absurdas, mas sempre a partir de fatos verídicos; eu espero que elas entendam com humor e saibam me perdoar.





Para Gordon, a quem ainda encontro na rua ou no teatro
e a quem jamais ousou abordar, por pura timidez.





— Infelizmente, diz Cândido, eu o conheci, esse amor,
esse soberano dos corações, esta alma de nossa alma
tudo que recebi dele foi um beijo e vinte chutes no traseiro.

Cândido, Voltaire



PREÂMBULO

Tudo está no lugar. O terceiro ato está bem estabelecido, os personagens — Mimi, Rodolfo, Marcello — tiveram tempo de nos situar na ação: Mimi tosse cada vez mais, Rodolfo quer abandoná-la, Marcello se encontra acuado entre eles, eterno confidente de dois amantes que se adoram sem poder se suportar, a música embala tudo em ritmos lentos que me fazem mover a cabeça da direita para a esquerda. Fechei os olhos desde os primeiros compassos. Não preciso mais do livreto, conheço o texto de cor.

Na vitrola nova comprada por correspondência e que meu irmão mais velho levou uma semana exaustiva montando, Vitória de Los Angeles, Jussi Bjoërling e Robert Merrill soltavam a voz para meu grande encantamento.

Entregue à grande poltrona de couro sintético, as mãos juntas sobre uma barriga saliente, que provoca, desde alguns meses, o riso na minha família — o fim de minha adolescência e o início da minha idade adulta são mais preocupados com biscoitos de chocolate e copos de Quick Nestlé que de caminhadas externas e de atividade física — eu espero sempre o grande momento.

Isso virá! A coisa acontecerá em alguns segundos, mantendo as mãos cruzadas, ergo as mãos devagar, repousando-as sobre o peito. O milagre se fará? Sentirei ainda essa impressão incrível de afundar no couro cor de vinho como se meu corpo fosse um barco muito pesado num mar bem pequeno? O êxtase, pelo menos algo próximo a isso sempre acontece, mas nunca aconteceu da minha alma não voar enquanto meu corpo se imprime no couro sintético, mas sempre tenho

medo de não sentir nada, de chegar nesse ponto de saturação onde uma única escuta, singularíssima, quando minha atenção focada em outra coisa, um problema muito sério que exacerba minha energia e me impede a concentração, por exemplo, arruinará para sempre o prazer que sinto em escutar essa cena quase todo dia, durante muito tempo.

Rodolfo acaba de confessar que ele estava de má fé, que ele não quer realmente abandonar Mimi, que ele ama até morrer, mas que ele tem medo porque ...

Está feito.

*Mimi è tanto ma la ta!*¹

As cordas, sobretudo dos violoncelos, que batem como um coração em ritmo lento, essa melodia devastadora da qual eu não consigo me desvencilhar, que me impede mesmo às vezes de dormir. Mimi, escondida atrás da *Barrière d'Enfer*², que sabe que ela vai morrer, o desespero de Rodolfo, o desconforto de Marcello consciente do estupor, do temor de Mimi, toda essa música melodramática e enérgica ao mesmo tempo, e de uma eficiência confusa colocada num melodrama, que a propósito é bastante vulgar, todo esse fluxo de sons produzidos para agradar, sem complexo, sem vergonha, me transporta uma vez mais para a região de mim mesmo que eu não gostaria jamais de deixar: o reconforto de sonhar acordado.

O trio me envolve, eu me atolo nele, vivo com grande prazer os três infortúnios que se desdobram ao mesmo tempo simultaneamente no meu ouvido, posso experimentar três infortúnios em simultâneo, é disso, penso, do que mais gosto.

1 Em italiano: Mimi está doente. Mimi, Rodolfo e Marcello, personagens da ópera *La Bohème*, de Puccini.

2 Cenário de um dos atos de *La Bohème*. bairro da periferia de Paris onde se passa a ação da ópera. O nome dessa barreira veio da *rue d'Enfer*, no final da qual se localizava, após cruzar o *Faubourg Saint-Jacques*. Alguns historiadores acreditam que se chamava "*rue d'Enfer*" porque era "um lugar de libertinagem e roubo". Outros acreditam que o nome é uma modificação da *via inferior* (ou estrada inferior), *rue Saint-Jacques*, por outro lado, sendo chamada de *via superior* (ou estrada superior).

Habitualmente, não me identifico com nenhum dos três personagens em particular quando escuto essa cena. Não sou desses amadores de ópera que sonham ser Maria Callas sofrendo aos pés de Giuseppe di Stefano ou Renata Tebaldi lutando com o vilão Tito Gobbi, não, nada em mim me leva a imaginar Flória Tosca mergulhando a faca no peito do sombrio Scarpia, em Salomé insistindo para beijar a boca da cabeça cortada de João Batista ou em Lucia de Lamermoor torcendo os seus trinados sem fim durante a sua improvável cena de loucura... Não sou de jeito nenhum levado a me identificar mais com os personagens femininos que aos outros; sou habitualmente o personagem que canta se gosto do que ele canta — é preciso me ver gesticular com minha capa durante a ária do toureiro ou levitar na noite ceilanesa atacando a ária de Nadir, de *Pescadores de Pérolas*³ — e todos ao mesmo tempo com o coletivo — a alegria de se dividir em quatro escutando o penúltimo ato de *Rigoletto* ou sete anos durante a cena de denúncia de Lucia; sou mesmo o chefe de orquestra quando explodem os mais belos prelúdios e *intermezzos* ou, mais raramente, da mesma forma um personagem mudo que assiste com uma alegria perversa as infelicidades dos outros.

Mas não faço jamais parte dos coros. Até me orgulho disso. Os coros são os únicos trechos de ópera que escuto do exterior, ficando sentado na poltrona, imaginando um espetáculo mais do que o vivenciando como se eu fosse um dos protagonistas. Gosto de escutar os coros, não gosto de fazê-los.

Mimi, Rodolfo e Marcello agitam seu trio comovente e eu estou no auge da felicidade. As coisas que eu tenho a cantar, quero dizer as palavras, são de uma banalidade confusa, eu coloco então toda minha alma na música, e meu coração sombrio de um único golpe na dor desse pintor perdido que vê se desfazer diante dele um casal de amigos.

Conheço dois ou três minutos de puro êxtase. O milagre aconteceu, obrigado, senhor Puccini.

³ Os *Pescadores de Pérolas*, de Georges Bizet, ópera em três atos.

O trio termina, Marcello deixa os dois outros porque ele acaba de escutar a voz de sua bem-amada e tanto quanto frívola Musetta que eu jamais pude sentir, vai saber porque, e minha atenção é um pouco perturbada por uma ideia que vem me impressionar. Eu deixo então Jussi e Victoria a seus reencontros para me concentrar sobre esse embrião de pensamento todinho novo que, eu o sinto, poderia tomar uma grande importância na minha vida se eu demorasse nisso.

Eu ainda não amei — eu quase morri de amor quando Marlon Brando rasgou a camiseta suja gritando “Stella! Stella” e eu tive uma tentação por Burt Lancaster em *Trapézio*, mas não gostei realmente — e me pergunto sempre, sobrancelhas franzidas e a tensão no peito, quando isso vai se suceder, onde eu estarei, com quem será e como vai se passar...

Como eu sou o único homossexual do meu grupo, eu não sei aonde ir para encontrar os outros e minha grande timidez me impede de me informar. Eu me digo frequentemente que não é ficando afundado na poltrona vermelha escutando Leonie Rysanek cantar a *Chanson du saule*⁴ que eu arrisco encontrar a alma gêmea. É claro que há o parque Lafontaine para fazer os corpos exultarem, mas isso não passa de bolinações impessoais que não tem nada a ver com qualquer sentimento que seja. Mas não me resolvo a fazer o grande passo, investir na aventura ou, pelo menos, na busca de meus semelhantes, eu me contento em sublimar já há muito tempo, e sou perfeitamente consciente disso e nada posso contra isso.

É muito bonito sublimar, mas eu começo a ficar velho para sonhar que Jean Besré⁵ morre de amores por mim ou que Guy Provost⁶ me enterra sob toneladas de flores colhidas entre as mais raras e mais perfumadas. Esse pequeno teatro não basta para preencher minha vida nem satisfazer minha necessidade de amor.

4 Canção do embriagado. Ária do ato IV da ópera *Othello*, de Giuseppe Verdi.

5 Ator quebequense.

6 Ator franco-canadense.

Escutando o fim do terceiro ato de *La Bohème* esse dia, eu me faço uma promessa que me coloca um pouco de sorriso nos lábios e cor nas faces. É um sonho ainda, claro, mas eu sinto que é a última escapatória antes do grande mergulho, uma última esperança, como diria minha mãe, antes da coisa certa, e eu me entrego com uma evidente complacência.

Digo sempre a todo mundo, sobretudo àqueles que a detestam, que o que gosto na ópera é que nada, jamais, é realista pela simples razão que tudo é cantado. É o teatro perfeito, a transposição completa: tudo é permitido porque tudo é absurdo e tudo é absurdo porque é cantado. Esse absurdo de cantar de uma sublime maneira durante quinze minutos com um punhal cravado no peito como Riccardo em *Um baile de máscaras*, ou fechada como num pacote de batatas, como Gilda no fim de *Rigoletto*, ou ainda como a pobre Mimi, justamente, quando morremos de uma doença respiratória! Mas a beleza da ópera, frequentemente, se sustenta na única presença da música porque o que é cantado é realmente muito estúpido... Perdoamos na música o que não perdoaríamos jamais no texto, nos apegamos às sensações que a música proporciona mais que os sentidos do que é cantado, nos entregamos mais a sentir que pensar.

De fato, a ópera nos dá a permissão de sermos bregas! Os chiques conhecedores de *Bayreuth* e de *La Scala*, a gentilha mais esnobe e mais discriminatória do mundo, sabem que eles são veneráveis bregas? Penso sempre e rio com minha barba rala.

Então, com esse sentido de escárnio que me caracteriza desde minha infância, essa maneira que tenho de sempre transpor o que não é o meu caso — as penas, as punições, os contratempos de toda sorte, para vivê-los através da cultura mais do que na realidade de maneira a não sofrer realmente —, me vem essa ideia, certamente porque eu tenho medo do primeiro amor que poderia me ocorrer a todo momento, de amar cantando! Como na ópera!

Eu me vejo a declarar-me a um outro rapaz repetindo uma melodia magnífica, rimas ricas e acentos tônicos bem colocados, num cenário um pouco ridículo, mas não muito, banhado numa luz desenhada por um grande artista e vestido como jamais ousaria fazê-lo na vida real: alguma coisa entre a Idade Média e a Renascença, justo e colorido... Essa transposição que mais desejo no mundo sem ter coragem de cumprir me tira um pouco do meu confinamento e, durante o que acontece no quarto ato da ópera de Puccini, me abalo sem me dar conta num *strip-tease* psicológico dos mais confortáveis: passo lentamente da Idade Média à era Moderna, dos colantes aos jeans, da camisa bufante à camiseta, do cenário impecável à triste realidade na qual evoluo, e, pela primeira vez na minha vida, tento imaginar o que virá a ser meu primeiro par. Mas, último fio que me prende ao sonho, última maneira de me apegar ao absurdo, continuo a cantar.

Sim, quando eu amar, amarei cantando.

